

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

BALANÇO DA GREVE DE BETIM - 1979

Entrevista com operário da FIAT, 1979
Documento digitalizado em: 17.09.2010
Fonte: Acervo Ernesto Pares

Introdução:

Betim: uma história de lutas e greves operárias

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-45), no bojo da política brasileira destinada à implantação de um parque siderúrgico nacional, foi criada a Cidade Industrial de Contagem (MG), à qual Betim foi vinculada. Com o golpe de 1964, o governo interviu nos sindicatos, abortando assim a primeira tentativa de organização dos metalúrgicos de Betim, que, em 1963, haviam fundado uma associação para cuidar de seus interesses.

Em 1973, o governo mineiro assina um acordo a Fiat Automóveis S.A., visando tornar a região o segundo maior pólo automotivo do país. A montadora foi atraída, entre outras coisas, pela promessa do governador da época, Rondon Pacheco (1971-1975), de que "os operários mineiros são obedientes e não fazem greves".

Em 1976, surge o "Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico de Betim". A direção do sindicato é eleita com as bênçãos do então presidente da Federação dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

O ano de 1978 começou sob intensa agitação no Brasil, quando metalúrgicos deflagram uma greve na Saab-Scania, em São Bernardo do Campo (SP). Tem início a onda de greves que varre o ABC paulista. A ditadura tenta em vão proibir que as entidades sindicais se articulem.

Os novos ventos chegam a Betim. As garantias dadas por Rondon Pacheco à Fiat se transformam em poeira. Em 23 de outubro de 1978, metalúrgicos de Betim dão início à primeira greve da categoria, na Fiat Automóveis, FMB e Krupp. Da pauta dos metalúrgicos constavam duas reivindicações principais: além dos 43% de reajuste determinados pelo governo, outros 20% e permissão para que fossem eleitas "comissões de fábrica" destinadas a representar os interesses dos operários junto à direção das empresas.

Aos gritos de "Pau no patrão, abaixo a exploração" a greve se espalha como um incêndio numa floresta seca. Mas atendendo a um pedido da Fiat, a polícia ocupa fábricas, prendem trabalhadores, cortam salários.

Em setembro de 1979, novamente, os operários da Fiat, FMB e Krupp entram em greve. Guido Leão dos Santos, metalúrgico da Fiat, é atropelado ao tentar escapar do cerco policial montado nas imediações da montadora e morre. A greve cresce e enfrenta patrões e o sindicato. Em 1980 o presidente da entidade é destituído.

No ano seguinte são realizadas eleições livres. A nova diretoria, ligada as pastorais e partidos de esquerda, vai enfrentar um enorme desafio em 1984. Não demorou muito para que os trabalhadores dessem início à segunda greve de ocupação na Fiat – a terceira desde que a montadora se instalara em Betim. Os operários enfrentam a Justiça e publicam um boletim cujo lema era: "Legal ou ilegal, a greve vai até o final!". A continuidade da greve racha a diretoria do Sindicato e, sem o apoio do mesmo, a greve acaba. Nos dias que se seguiram, 53 lideranças do movimento foram demitidas.

A história de lutas de Betim entra em refluxo nos anos 90. O processo de reestruturação produtiva, implementado na Fiat repercutiu sobre a capacidade de atuação dos dirigentes do Sindicato. Inicia-se então a fase do "sindicalismo de resultados".

O documento a seguir é uma entrevista dada por um operário que participou ativamente da greve de 1978. Trata-se de importante relato, que esclarece detalhes interessantes do movimento.

Setembro de 2010

Equipe CVM

BALANÇO DA GREVE DE BETIM

Entrevista com um operário. Abril de 1979

Para se analisar todo o processo de luta que ocorreu em Betim, praticamente na FIAT, é preciso analisar o processo anterior à greve: ver o que fizemos no trabalho difícil e prolongado que exigia uma paciência da gente até chegar aonde chegou hoje.

A princípio com mais alguns companheiros de fábrica a gente viu:

Que a situação de Betim era diferente de Contagem – indústrias novas, região nova e um sindicato novo sem nenhuma penetração na fábrica e nem interesse em ter essa penetração. Podemos afirmar isso baseando na própria forma como essa diretoria entrou no sindicato; não houve eleição, ninguém votou, eles foram colocados lá dentro pelos pelegos da federação tentando fazer com que a diretoria se formasse como pelegos, se tornassem pelegos.

A partir disso vimos que nossa atuação no sindicato seria diferente da atuação da oposição de Contagem. A preocupação primeira, naquele momento, seria um trabalho de fábrica, apesar de que a gente poderia destinar parte dele para a atuação dentro do sindicato. Mas, aí, teria que se analisar como seria essa atuação considerando-se a pouca penetração do sindicato dentro da classe e a pouca informação da categoria sobre o sindicato e mais uma série de dados que abordarei.

A partir disso intensificamos nosso trabalho de fábrica. Dentro do nosso trabalho podemos situar como aspectos mais importantes para nosso fortalecimento: a campanha de sindicalização que fizemos dentro da fábrica nos últimos meses antes da greve. Há dois meses atrás o sindicato tinha 1.400 sindicalizados, com dois meses de campanha conseguimos mais de 1.000 associados; hoje temos 2.700 sindicalizados.

Isso nos auxiliou bastante porque o pessoal passou a ver a gente como o sindicato dentro da fábrica. Os companheiros, às vezes nos perguntavam se nós éramos os caras do sindicato. Eles viam em nós a referência para informações sobre o sindicato: o que era, para que serviria no sentido assistencial. Ao invés de darmos as informações somente em cima do que o sindicato poderia oferecer em termos de assistência, dávamos muito maior atenção a luta principal do sindicato: a luta econômica, a luta por melhores salários.

Foi a partir disso que floresceu o nosso trabalho. Foi a partir disso que ele se tornou grande e forte dentro da fábrica. Porque a gente não se preocupou primeiramente em formar grupinhos em ficar batendo boca no ouvido um do outro para tentar depois de muito tempo criar o grupinho. Não! A gente se preocupou em ter uma área de influência dentro da fábrica e essa área existiu da forma como nós encaminhamos nosso trabalho, a sindicalização nos proporcionou isso enormemente tanto que na assembléia as posições que nós tirávamos dentro da fábrica eram vitoriosas nas assembléias.

P - QUEM É QUE DESENVOLVIA ESSE TRABALHO, JÁ EXISTIA OU NÃO GRUPO ORGANIZADO PARA LEVAR ESSE TRABALHO DE SINDICALIZAÇÃO OU FOI UM PROCESSO ESPONTÂNEO?

R - Não foi um processo espontâneo. O grupo que começou essa prática se formou dentro da fábrica ao redor de alguns companheiros mais combativos. No caso da mecânica, os companheiros mais conscientes viram a necessidade de articular alguma coisa no sentido de

formar o primeiro grupo mesmo que aquelas pessoas não se considerassem como grupo, mas, já era um grupo. Esse grupo tinha a tarefa de sindicalizar o pessoal, tinha tarefa de passar o jornal e outros instrumentos que nós utilizávamos dentro da fábrica que foram de grande contribuição para o crescimento do nosso trabalho. Utilizávamos recortes de vários jornais para informar o pessoal.

Tanto que no período das greves de São Paulo, foi a época que realmente o pessoal se sentiu informado. Tanto que muitos operários sonhavam "poxa, no dia em que um jornal desses estiver escrito greve na Fiat." então a gente falava: "pode ter certeza que daqui há uns tempos vai ter!" e realmente aconteceu. Hoje tá lá no jornal "BETIM PAROU".

Então o pessoal ficou alegre quando isso aconteceu. Eles mesmos falam "foram as nossas conversas". Teve um companheiro que falou "tá vendo, aquelas conversas que nós tínhamos na hora do almoço deram resultado!".

Então a gente viu o grupo que estava formado mesmo não forçando para formar o grupo. Não foi preciso chegar perto do cara e dizer "a gente precisa formar um grupo, vamos discutir isso". O grupo se formou ali no dia a dia, tanto que teve companheiro sem muito nível de consciência que falou "poxa, parece que é só o nosso grupo que discute" então ele falou a palavra grupo, sem nunca ninguém ter dito isso para ele. Então ele já viu que aquelas pessoas que se reuniam na hora do almoço para discutir a greve de São Paulo, a situação do sindicato, artigos de jornais e os problemas da fábrica, ele sentiu naquilo um grupo, sentiu na prática, não foi preciso forçar, arrastar o cara, não, ele entrou para dentro do grupo, mas não podemos considerar isso um processo espontâneo, houve a intenção de alguns companheiros de que a maneira correta de formar o grupo seria assim. Esse era um grupo heterogêneo, tinha diversos níveis de consciência, pessoas que foram ganhas para a atividade de fábrica dentro do grupo.

Na mecânica se formou o primeiro grupo na fábrica.

Em outros setores havia a perspectiva de se formar outros grupos. A gente tinha uma série de pessoas que também discutiam e travavam as mesmas discussões que se travavam na mecânica. Fazia-se discussões com pessoas da pintura, montagem final, mas sem o nível de organização que havia na mecânica, tanto que foi a mecânica o setor que primeiramente parou e foi a ponta de lança da greve, durante a semana inteirinha.

P - A QUE SE DEVE ISSO: O TRABALHO DA MECÂNICA SER O MAIS FORTE

R - Primeiro, me parece que foi na mecânica que houve uma preocupação mais correta e, uma maneira mais viável de desenvolver o trabalho. Nos outros setores havia companheiros que não viam, talvez, a necessidade de se aglomerar com o pessoal de diversos níveis de consciência, pois é a partir dessas pessoas que se vai na fábrica organizar qualquer coisa.

Na mecânica isso foi feito primeiro, me parece que lá existia um número maior de pessoas mais combativas e um grau de consciência maior no conjunto dos trabalhadores, porque lá existem as seções onde estão os operários mais especializados, no caso da ferramentaria, fiação, pessoal de manutenção.

Tudo isso apesar de não ser o principal, pois considero que a principal coisa que leva a avançar a organização interna dentro da fábrica é uma prática correta, é um trabalho paciente, é o que a gente fez. Havia dias em que a gente desanimava. "Isso não vai chegar onde a gente quer não". Ao mesmo tempo, a gente via que o pessoal está aqui, está junto, está vindo discutir: então a gente vai conseguir chegar onde queremos, se conseguirmos desenvolver neles a consciência.

P - ESSAS DISCUSSÕES ERAM SOBRE QUESTÕES REIVINDICATÓRIAS OU ERAM POLÍTICA TAMBÉM?

R - Às vezes entravam as questões políticas; quando o pessoal lia o jornal e nele estavam contidas as questões políticas – os grandes problemas nacionais, se bem que nesse campo as discussões não avançavam muito, a gente sempre procurava colocar política nas questões de salário e sindicato a gente era forçado a colocá-las. É impossível falar em atrelamento sindical e pelego sem falar que é uma política do governo atual que leva a existir isso. Então as questões políticas eram colocadas sem nunca desprezar o nível de consciência do pessoal que estava em volta da gente, não podíamos falar nas questões políticas mais avançadas, pois aí estaríamos nos distanciando deles e a nossa preocupação era aumentar cada vez mais a nossa proximidade com aquele pessoal, aquele pessoal que iria sustentar a luta em todos os momentos. Então, discutíamos política, mas da forma como eu falei.

P - NA GREVE DE SÃO PAULO QUAIS AS QUESTÕES QUE MAIS SE DESTACARAM O GRUPO PRINCIPAL OU OS GRUPOS DISCUTIAM O QUE IAM LEVAR PARA A MASSA OU ERA CADA UM POR SI?

R - Quando se falava nas greves de São Paulo a principal coisa que os companheiros falavam era a falta de um sindicato como o que existia em São Bernardo e o de Monlevade. Ao mesmo tempo em que eles levantavam essas questões viam que em Betim não existia um sindicato desse tipo e ao mesmo tempo se via a necessidade de desenvolver o trabalho de fábrica, pois era só ele que poderia permitir que no futuro nós tivéssemos um sindicato desse tipo, como o que existe em São Paulo ou Monlevade. As greves de São Paulo eram vistas assim no plano sindicalista. Porque em São Paulo faz greve e aqui não faz? Era uma pergunta que o pessoal fazia.

P - E A RESPOSTA?

R - A resposta estava clara, no próprio jornal que era discutido a resposta estava lá. Quando diziam que o operário de São Paulo estava mais unido, queriam dizer que o operário de São Paulo estava mais organizado, tinha um nível de organização maior. É nesse momento que a discussão avançava no grupo. "Nós temos que nos organizar aqui dentro, nós temos que sindicalizar as pessoas, mostrando para eles o que é sindicato, qual é a missão principal do sindicato". Então a discussão avançava, surgiam várias perguntas: "seria possível uma greve na FIAT? Como nós iríamos fazer?" Então, já naquele período, muito anterior à greve, já surgiam propostas de elementos de massa tentando explicar como a gente poderia fazer uma greve. Teve companheiro que propôs que na manhã todo mundo distribuísse boletim falando da greve, dentro do ônibus. Foi uma proposta de um elemento sem maior nível de consciência política, ao mesmo tempo a política estava presente nas frases mais simples dele, quando ele disse uma vez que estava trabalhando na seção e ele pegou uma das centenas de peças que ele fazia e pensou no preço dela, quanto aquela peça valeria, multiplicou o preço dela pela quantidade que ele fazia por dia então ele viu o lucro que ele dava. Então ficou claro dentro do nível de consciência dele a consciência política se manifestando daquela forma. Então mostra que o pessoal que estava à frente do grupo, que mesmo em separado do grupo haviam discussões procurando aperfeiçoar a maneira de nossa atuação dentro dos grupos no sentido de elevar o nível de consciência do pessoal. Viu que naquele momento nós não deveríamos colocar questões políticas avançadas, avançadas ao nível da linguagem, porque a política se manifestava no pronunciamento dos companheiros, na vontade de trabalhar. Teve companheiro que sindicalizou 150 pessoas. Teve companheiro que distribuía jornal, que pichava os banheiros, então ao nível dele a consciência política estava se manifestando, porque pra mim, acho que a consciência política vai se desenvolvendo paralelamente a consciência econômica da

classe operária. Hoje a classe operária não tem consciência da força que ela tem para travar as lutas econômicas embora uma grande parcela esteja tomando essa consciência. É a partir disso que aos poucos vai nascendo a consciência política. Por exemplo, foi nas assembleias que o pessoal aprendeu o que era pelego, mas não aprendeu só na falação, eles viram o pelego atuando, eles viram o pelego se negar a soltar nossos boletins que a gente via que eram necessários dentro de nossas discussões em grupo. Então, eles entenderam o que era pelego. Entenderam de verdade.

Então o trabalho assim se desenvolveu e quando a gente assustou tinha uma grande área de influência, assim foi na mecânica, que também chegou a atingir outros setores como, no caso principal, da montagem final. Havia casos em que companheiros de outros setores atravessavam a fábrica e vinham nos procurar para dizer que estava sendo preparada a greve, que estava sendo discutido isso, que estava acontecendo aquilo, pra sindicalização. Todas as atenções foram despertadas para a mecânica.

P - AÍ VOCÊS JÁ ERAM UMA LIDERANÇA?

R – Eu disse que quando a gente assustou a gente já tinha essa área de influência, pessoas que nos procuravam: Eu andava carregado de propostas de sindicalização e jornais, o pessoal ia pedir jornais. O pessoal nos procurava para os problemas mais simples, por exemplo, havia uma briga com o médico o pessoal vinha para saber o que deveríamos fazer. Então, o que aconteceu foi o seguinte: mesmo sem nós querermos ser liderança o pessoal viu em nós uma liderança para seus problemas. O trabalho cresceu e mais grupos foram se formando. Inclusive em outras seções da mecânica.

P – QUANDO FORAM DISCUTIDAS AS GREVES DE SÃO BERNARDO DISCUTIU-SE QUAL O TIPO DE INTERVENÇÃO DO SINDICATO, SEUS LIMITES, DETERMINADAS ATITUDES DO LULA NO SENTIDO DA DESMOBILIZAÇÃO EM ALGUMAS FÁBRICAS OU A DISCUSSÃO FICOU NO NÍVEL QUE VOCÊ FALOU?

R – Quando nos referíamos às greves de São Paulo, referíamos-nos ao Sindicato de São Bernardo e não ao LULA. O papel que o sindicato desempenhou foi devido à pressão dos trabalhadores, algumas posições avançadas de LULA se deram pela pressão dos trabalhadores. A discussão não se dava em cima de uma pessoa, se dava e se desenvolvia a idéia de um sindicato combativo e não o LULA ou o João Paulo. Tinha gente que não tinha ouvido falar em Lula ou João Paulo, mas sabia o que o sindicato de São Bernardo estava fazendo. Fazíamos a comparação entre o sindicato de São Paulo x o sindicato de Betim.

P – O SINDICATO DE SÃO BERNARDO ERA E AINDA É ATRELADO.

R – Se o sindicato era ou não atrelado não se tocava muito nessa discussão. Era importante que os companheiros assimilassem a idéia de um sindicato combativo porque na sua luta eles estariam lutando por isso, para que o sindicato fosse combativo e com isso estariam lutando contra o atrelamento. O atrelamento é que tira a combatividade do sindicato. A gente não teve preocupação de definir com palavras sindicato atrelado é isso, sindicato não atrelado é aquilo. A gente procurou introduzir no grupo a idéia de sindicato combativo. Criou-se a idéia de que o sindicato teria que ser combativo, lutador, que o sindicato tem que estar do lado da classe, na prática, estava-se lutando contra o sindicato atrelado, contra os pelegos. Não era feita até aquele momento se o sindicato de São Bernardo era atrelado ou não, apesar de que na nossa discussão diária estávamos combatendo o atrelamento sindical.

Com o crescimento do nosso trabalho nós vimos a necessidade de nos ligarmos a outras fábricas da região, principalmente, a FMB e a KRUPP. Na FMB alguns companheiros desenvolviam um trabalho parecido com o nosso, houve o contato e iniciamos as reuniões entre as fábricas. A primeira reunião foi uma discussão rápida e não deu para consolidar a ligação entre as fábricas.

P – QUAL O NÚMERO DE PARTICIPANTES?

R – Se dava em torno de umas 20 pessoas. Essas reuniões muitas vezes ocorriam dentro do próprio sindicato e a partir dali traçávamos planos.

Antes de falarmos sobre a greve e nossa atuação nela, seria bom falarmos como era nossa intervenção no sindicato.

Então, a partir do trabalho de fábrica nós vimos que seria importante atuar no sindicato.

Aí, começamos a freqüentar mais o sindicato não só nos momentos de assembléias mas fora dela, iam duas a três pessoas ou mais cobrar do sindicato um boletim, mesmo fora do período de assembléias, boletins falando sobre o que o sindicato estava fazendo, incentivando a sindicalização. Então passamos a conduzir o sindicato. Nós tivemos a sorte de ainda encontrar um presidente de sindicato que ainda não era pelego, que não sabia ser um pelego. Ele estava lá para ser um pelego.

Houve reuniões onde ele só abriu a reunião e não falava mais. Houve boletins que foram lançados pelo sindicato mas foram feito por nós. Foi isso que criou na fábrica a idéia de que nós éramos o sindicato. Os caras chegavam na minha seção e perguntavam “cadê o cara do sindicato?” E nós éramos simples associados como qualquer outro. Falavam ainda “que eram vocês que tinham que estar lá dentro” “vocês tem que fazer parte da chapa” respondíamos “que estávamos nos preparando para isso e que ele também teria que estar”.

Aí começou realmente o nosso trabalho, nós chegávamos no sindicato e dizíamos que estávamos precisando de uma assembléia, uma reunião e marcávamos para tal dia e tal hora e ele não tinha como fugir.

P – VOCÊS DEDFINIAM A PAUTA?

R – Sim. Antes de iniciarmos a sindicalização nas fábricas marcamos a primeira reunião que tinha como centro a campanha de sindicalização nas fábricas. Nessa reunião havia a presença de um elemento da federação que se recusou a deixar que nós formássemos uma comissão no sentido de atuarmos nesse sentido.

P – VOCÊS SERIAM DELEGADOS SINDICAIS?

R – Não, pois ele não aceitava essa idéia alegando que por lei o delegado não podia ser oficializado e que isso nos podia prejudicar dentro da fábrica.

Cresceu a idéia de que nós seríamos delegados ou comissão de fábrica reconhecida e que isso seria obra da própria luta dos trabalhadores, seria uma conquista. Não nos seria dada de presente. Não esquentamos com isso. Não podemos ser delegados agora, mas queremos trabalhar dentro da fábrica. O sindicato não está fazendo isso e se não tiver quem contribuir ele não vai conseguir fazer nunca. Nossos argumentos convenciam a diretoria e algum membro da federação que de vez em quando ia lá. Eles não tinham como fugir. Eles deram aquela de bonzinhos, nos deram asas e talvez hoje se arrependam disso.

Fazíamos boletins, distribuíamos dentro da fábrica, pressionávamos a diretoria a distribuí-los na porta da fábrica e quando percebemos estávamos tendo voz ativa dentro do sindicato. A gente não se preocupava de chamá-lo de pelego, nós trabalhávamos juntos,

mesmo sabendo que ele era um pelego. Tentávamos alterar a situação da diretoria com nossa intervenção e isso realmente aconteceu.

Aí veio a campanha de sindicalização. Foram feitas novas reuniões aí já para discutir os problemas de fábrica como o problema de horário, logo após veio a de antecipação. Nessa altura, já tínhamos força na fábrica. Eram reuniões pouco freqüentadas. A própria localização do sindicato dificultava pra valer a afluência. A maioria dos trabalhadores da FIAT, FMB e KRUPP moram em direção oposta onde está localizado o sindicato. O pessoal mora em Contagem ou Belo Horizonte. Em uma reunião feita em dia de semana á noite o companheiro que vai a ela, vai chegar em casa tarde da noite e tendo que ir trabalhar cedo no dia seguinte. Isso desanima. Mas isso não retirava a sua capacidade de luta dentro da fábrica, no sentido de sindicalizar, no sentido de despertar nele aquela idéia de sindicalismo combativo, autentico.

Mesmo frente a assembléia de 20 ou 30 não nos preocupávamos com aquilo, porque o nosso trabalho principal era na fábrica.

P – SOBRE AS CONDIÇÕES INTERNAS DA FIAT

R – O papel dos patrões através da segurança, o papel mesmo que pequeno de alguns italianos (já voltaram todos eles para a Itália)

Contribuição dos Italianos

No início brincavam e gozavam os operários brasileiros, dizendo que na Itália não era assim, as condições de trabalho eram outras, trabalhavam de 2ª. a 6ª. oito horas por dia. A FIAT por ser uma firma italiana, isso criava uma discussão sobre a comparação entre as condições da FIAT italiana e da FIAT brasileira. O fato dos operários italianos serem bem organizados e combativos fazia com que as notícias que aconteciam na Itália fossem trazidas para dentro da fábrica, e ajudava pra valer as discussões. Depois da ida da maioria, os que ficaram foram poucos e os que mais conciliavam com os patrões e com as atitudes da segurança – ambas marcadamente repressivas.

Atuação da segurança

Alguns fatos que se destacaram: as várias agressões a trabalhadores ocorridas dentro da fábrica. Casos de operários com braços deslocados, de operários terem tomado tapas na cara, na saída todos nós éramos humilhantemente revistados como se fossemos marginais da pior espécie. A segurança era chefiada por vários torturadores, eles eram que orientavam a segurança a proceder como ela agia. Vários desses elementos são ligados à máquina de repressão do Estado como o DOPS, tanto que um deles era coronel do Exército.

Isso criou uma revolta muito grande. Recentemente fizemos uma luta, uma luta mesmo, entre os trabalhadores e a segurança. Recentemente na fila do restaurante o horário de almoço tinha vencido e os operários tenham que voltar sem almoçar e invadiram o restaurante. A segurança tentou segurar e aí houve lutas, lutas corporais. Segundo informações vindas há notícias que 12 operários foram pro pronto socorro e vários guardas também.

Outro caso que comoveu muito foi o de um operário que tinha saído da fila e ao retornar entrando no seu lugar na frente de um companheiro o guarda o viu e foi lá e deu um tapa na cara do operário que não reagiu, abaixou a cabeça, então todos começaram a vaiar o guarda. Então naquele momento aumentou a revolta contra a segurança. Aconteceu com um companheiro da montagem final. Quando cheguei perguntei porque ele não tinha reagido e a resposta é que “ele era humilde e conservou a humildade dele”.

Num dia que a mecânica estava almoçando e começaram a bater na bandeja reclamando da qualidade da comida, imediatamente ocorreu o cerco ao restaurante pela guarda da segurança.

Houve o caso de um operário que estava na fila para ser atendido pelo médico há várias

horas e o seu caso era grave, pois trabalhava numa secção altamente desgastante e ele caiu num estado de loucura. Quebrou todos os vidros do ambulatório, bateu no enfermeiro e no médico. A guarda veio e segurou-o e o médico aplicou uma injeção nele deixando-o inconsciente. Não se ouviu mais falar nesse cara, deve ter sido mandado embora sem direitos (trabalhava colocando vidros na montagem final).

Casos de loucura como esse aconteceram vários. Outro problema são as condições de trabalho, por exemplo, os que trabalham na montagem final, só fazem um movimento diversas vezes por dia. 500 vezes que é número de automóveis produzidos por dia. Todos os dias do mês que ele trabalha durante o ano. Isso dá uma neurose no cara. Vai aumentando a revolta do cara contra a fábrica, contra a segurança, contra os patrões.

Tudo isso ajudava, denunciávamos isso nas assembleias, no grupo, discutindo porque a segurança agia daquela forma e era exatamente para manter a passividade, o medo, para garantir a super exploração que ocorria lá dentro todo o dia.

P - CHEGOU A HAVER ALGUMA LUTA ORGANIZADA NO SINDICATO CONTRA A SEGURANÇA E O MODO COMO ELA AGIA?

R - Na forma organizada não ocorria, porque aquela revolta que nascia no interior do operário, fazia que nascesse a revolta espontânea. Como num dia que um operário foi agarrado na saída da fábrica, revistado e ameaçado. O pessoal não saiu, pararam na portaria e ficaram vaiando a segurança. É, portanto, uma forma de protesto contra a segurança. Existem muitos outros casos, mas a fábrica é imensa, tem uns 10.000 operários e muitos casos nós não ficamos sabendo.

P – E O SINDICATO?

R – No sindicato denunciávamos isso nas assembleias, mas enquanto a classe não está mobilizada e não está organizada para a luta contra aquilo, o sindicato não assumia nada como nunca assumiu.

P – VOCÊS LANÇARAM BOLETINS SOBRE O PROBLEMA DA REPRESSÃO?

R – Não. Não porque isso poderia criar um conflito direto e atrapalharia o nosso trabalho, ocorreriam demissões. Vimos que a luta e o enfrentamento da questão de segurança só poderia ser assumida num momento de luta, no momento em que a classe estivesse mobilizada para isso. A prova é que no momento da greve houve alguma coisa nesse sentido.

Outra coisa que contribuiu para isso foi a questão da qualidade da comida, o desnível salarial, pessoas que faziam o mesmo serviço e recebiam salários diferentes.

A segurança, a qualidade da comida, o salário e outras coisas criaram um clima de revolta. Nós procuramos intervir nessa situação para organizar os trabalhadores para lutarem contra essa própria situação. Esse trabalho era bem visto pela maioria dos trabalhadores para lutarem contra essa própria situação.

Esse trabalho era bem visto pela maioria dos trabalhadores que estavam em volta da gente. Todo mundo tinha ódio dos patrões, da segurança, todo mundo reclamava dos salários que recebiam, todo mundo reclamava das condições e do ritmo de trabalho.

Basicamente foram as condições internas principais que favoreceram o nosso trabalho

dentro da fábrica.

Outra coisa que devemos falar aqui é sobre os instrumentos que utilizamos no período anterior à greve.

Na época, antes das greves, sentimos a necessidade de um boletim que contivesse todas as questões necessárias para organizar a classe operária. Esse boletim tinha que atingir uma camada maior dentro da fábrica, ao mesmo tempo não poderia ser ilegal, pois se fosse ele não atingiria os objetivos que tínhamos em mente. Na hipótese de fazermos um boletim semi-legal, mas a distribuição o tornou quase legal, foi quase abertamente distribuído. O boletim continha basicamente todas as reivindicações que foram colocadas na assembléia já dentro da greve. Esse boletim continha: o índice que na época estávamos defendendo de 25% por Minas Gerais o índice mais alto do país; levantava questões sobre comissão de fábrica, piso salarial e das condições de trabalho que atingia um campo geral de denúncias.

P - COMO SE PASSOU DO TRABALHO INICIAL PARA ESSAS QUESTÕES REIVINDICATÓRIAS E ORGANIZATIVAS: OCORREU SÓ NO MOMENTO DA GREVE OU VOCÊS JÁ VINHAM FALANDO DISSO ANTES? FOI UM PROCESSO LENTO OU HOUVE UM SALTO NESSE MOMENTO PASSANDO DAS QUESTÕES COMO DA IDÉIA DE UM SINDICATO COMBATIVO PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE AS COMISSÕES E FORMAS ORGANIZATÓRIAS, ENFIM COMO ENCAMINHAR ESSAS REIVINDICAÇÕES CONTIDAS NO BOLETIM?

R - Foi um processo lento para se chegar a formular essas reivindicações. Ao se discutir a reivindicação dos 20% levada em São Paulo, também procurávamos discutir a questão do aumento do custo de vida. Como em Minas Gerais era o lugar que tinha um custo de vida maior passamos a exigir um aumento superior como 25%.

A idéia de comissão também existia, só que usávamos outra palavra: grupo de fábrica. Desde muito tempo atrás essa idéia já existia, não muito amplamente, mas em cada aglomerado em cada ajuntamento de operários já se falava em grupo. A idéia de comissão já não era muito estranha, ao pessoal deu a idéia de que seria um grupo. Não foi assim um negócio espontâneo.

A questão mais desconhecida era o piso salarial que era uma conquista antiga da classe que tinha sido roubada pelos patrões.

No que toca às questões de trabalho foi a questão que sensibilizou todo mundo, era a coisa mais sentida, a coisa mais viva por parte dos operários dentro da fábrica, ao lado de 25%.

P - MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO SE TRADUZIA EM QUE?

R - Essa reivindicação atingia aos pintores, soldadores e atingia ao conjunto dos trabalhadores porque continha uma reivindicação que tocava a todos os operários dentro da fábrica que era a diminuição da jornada de trabalho na fábrica, em Betim.

Essa associação que eu falei antes, sobre a comparação entre os trabalhadores italianos e os brasileiros teve uma certa penetração. Parece-me que na FNM no Rio de Janeiro também se conseguiu através do contrato coletivo de trabalho uma redução de três horas da jornada de trabalho semanal.

P - COMO ERA COLOCADO DENTRO DO GRUPO (OU COMISSÃO) A LUTA CONTRA O ATRELAMENTO?

R – O atrelamento como eu já falei aí seria combatido num processo, não seria a mesma discussão que a gente falasse que o sindicato era atrelado que faria com que o pessoal tomasse uma atitude de combate ao atrelamento.

P – MAS QUAL ERA O PAPEL QUE TERIAM OS GRUPOS NO CASO?

R – No caso dos grupos ou comissão eles teriam que desenvolver uma prática sindical paralela ao sindicato, alterando a qualidade desta prática que o sindicato levava. Dando mais vida e levando para um lado de maior combatividade do lado de uma ligação maior com os trabalhadores, tirando mais boletins, forçando a diretoria a tirar mais boletins e ao mesmo tempo fiscalizando as condições de trabalho dentro da fábrica, aquilo que o sindicato não fazia e era impossível de fazer porque não existiam delegados sindicais nem comissões de fábrica. Aquilo que o sindicato atrelado e distanciado da classe não faz, está numa posição de isolamento da classe. No conjunto era essa a prática que era levada e discutida com o pessoal que nós sindicalizamos que era um número elevadíssimo de pessoas e assim se foi formando a idéia de comissão, tanto que quando foi definida a idéia de comissão dentro da fábrica, mesmo depois da greve, os operários perguntavam: “você vão voltar como comissão?”. Encontrei com um chefe num bairro e ele perguntou como estava a minha situação; eu expliquei para ele e no final ele desejou felicidades para todos nós e que nós voltássemos como comissão de fábrica. Ficou provado assim que a idéia da comissão ficou difundida dentro da fábrica.

P – INDEPENDENTE DO SINDICATO?

R – Totalmente independente do sindicato. O sindicato nunca levantou a idéia da comissão, nunca levantou a idéia de uma delegação como nunca tomou a iniciativa na distribuição do boletim. Houve um período antes da greve que nós assumimos a direção do sindicato na prática, o presidente foi a reboque da gente.

Houve um assembléia com 500 pessoas que o presidente do sindicato praticamente não falou nada, ele só abriu a assembléia e nós assumimos a mesa das assembléia que firmou a greve. Aí ficou claro que nós tínhamos força, nós tínhamos feito um trabalho correto, nós tínhamos força total dentro do sindicato ao lado da força que tínhamos dentro da fábrica. Isso mostrou a importância que teve o boletim que levantou a questão do aumento de salário, do piso salarial, das comissões de fábrica, de melhores condições de trabalho, de reajustes trimestrais, isso três meses antes da greve.

P – FIAT E FMB NESSA OCASIÃO JÁ ESTAVAM UNIDAS?

R – Nessa ocasião já estavam unidas. a própria idéia do boletim nasceu de uma reunião entre os grupos da FIAT e FMB.

Só para mostrar as consequências desse boletim. Na FMB atingiu umas 200 pessoas na FIAT umas 800, talvez mais, porque muitos companheiros não se contentavam em ler o boletim sozinho. Pregavam o boletim nas paredes e teve caso de um boletim ficar colado na parede mais de 5 horas. Quem passava parava para ler o boletim. Só foi arrancado quando a segurança chegou e levou o boletim para o sindicato pressionando a diretoria perguntando de onde tinha vindo, o sindicato se defendeu dizendo que não sabia e que não tinha feito nada daquilo. O mesmo elemento que tinha pregado o boletim foi, mais tarde, no sindicato apanhar propostas de sindicalização. A diretoria do sindicato pressionou perguntando se ele sabia quem tinha feito, dizendo que aquilo era um boletim clandestino e que foi feito por

elementos que estavam contra o sindicato. Esse elemento deu uma ferrada no presidente do sindicato, quando disse que ele tinha visto o boletim e lido e que tinha gostado muito do que estava escrito ali e que se o boletim era contra o sindicato, o sindicato é que estava contra toda a categoria, porque tudo que estava ali estava a favor da categoria. O presidente ficou de queixo caído, não podendo falar nada, se sentindo talvez pequeno diante daquele operário.

O boletim valeu. Foi a primeira vez que nós utilizamos um instrumento desse tipo. Um instrumento semi-legal. Já nessa época a idéia da greve já florescia na fábrica, todo mundo já falava, as pichações nos banheiros aumentaram. Todo mundo escrevendo "20% de aumento ou greve!" "greve geral", outros escreviam marcando a greve para o dia seguinte: "amanhã a uma hora começa a greve. Eu estou convocando".

Isso acelerava o nosso trabalho no sindicato. Na assembléia três semanas antes da greve o grupo da FIAT e FMB reuniu com o sindicato, nessa reunião nós levamos um boletim elaborado e foi feito o boletim e distribuído amplamente nas três fábricas, distribuído não pelo sindicato, porque ele não assumiu isso, o boletim foi distribuído pelos elementos que faziam parte dos grupos ou pelos elementos da área de influência do grupo, enfim, pelos próprios trabalhadores. Aí veio a assembléia em que participaram 1.000 operários que veio a confirmar a greve. Esta assembléia foi realizada na sexta-feira e nós decidimos tirar a greve para 2a. feira, marcando data e hora.

P - SERIA INTERESSANTE AGORA ESTABELECEER UMA COMPARAÇÃO ENTRE O TRABALHO DESENVOLVIDO EM BETIM E O DESENVOLVIDO EM CONTAGEM.

R – Em vários aspectos diferia a situação de Betim de Contagem. A própria atuação do sindicato. Isso não significa que a prática em Contagem é uma e a de Betim é outra. Acho que em qualquer fábrica a prática é uma só – o trabalho de base, o trabalho de organização pelas bases, principalmente dentro das fábricas.

Para mim o grande mal que os companheiros de Contagem tiveram foi o de não ter feito esse trabalho na fábrica. Como você disse o sindicato de Contagem tem uma prática descaradamente pelega mas em Betim os elementos que dirigiram algumas assembléias eram também pelegos descarados, talvez mais profissionais que os pelegos de Contagem. Isso exigia de nós uma força para se contrapor à força do peleguismo, a força do pelego, essa seria a força interna de cada fábrica, a capacidade de cada fábrica. Isso em Contagem não ocorria. Os companheiros caíram na ilusão de que as forças das fábricas iriam sair de dentro do sindicato para as fábricas. No entanto a sua força dentro do sindicato seria o trabalho paralelo ao trabalho que criaria a existência dessa força dentro das fábricas.

O que aconteceu em Contagem? A oposição se transformou numa cúpula. Mesmo nas assembléias a oposição não era majoritária e, nunca foi, sempre o pelego ganhava. Em Betim, o pelego da Federação também tentou fazer isso, mas não conseguiu. Por quê? Aí se estabelece a diferença entre a prática de Betim e a prática de Contagem. A oposição pensava que era a dona do movimento, que tinha o movimento na mão, no entanto, a campanha salarial, as eleições demonstraram que isso não existia. Por duas vezes os companheiros de Contagem tiveram condições de greve. A primeira foi na campanha salarial, numa assembléia de duas mil pessoas, a oposição não conseguiu ser a direção do movimento e também com as greves de Betim. Betim está a cinco minutos de Contagem e, mesmo assim, companheiros caíram na tentativa desesperada, através de boletins, de agitação, arrancar a greve. Em duas vezes veio confirmar os erros. Um erro que vinha de longe: se poderiam arrancar greves sem ter força dentro das fábricas? Como iniciar o movimento – através de boletins? Quem iria entender o significado dos boletins, o significado daquela luta? Teriam que ser os próprios operários. E a preparação para essa compreensão não houve. Caiu-se na tentativa desesperada de arrancar greve através da agitação isolada, na campanha também aconteceu a mesma coisa, o pessoal tentou

arrancar uma greve dentro da assembléia, mas sem saber praticamente o que estava acontecendo dentro das fábricas. O único caso foi o da Manesmann, mas mesmo assim não houve uma direção, não houve adesão de outras secções, então ficou comprovado que esses companheiros que caíram num desvio cupulista e uma serie de outros mais se omitiam de uma prática correta, a organização da base, o trabalho de organização dentro da fábrica, eles pensavam que falando, discursando numa assembléia aquilo traria revigorando o trabalho de fábrica, na verdade aquilo não acontecia porque a categoria de Contagem é imensa e isso exige um trabalho ostensivo dentro da fábrica e só a partir dele é que se pode conseguir algum movimento independente do sindicato. Aqui em Contagem também terá que ser assim, porque o sindicato nunca vai assumir a direção de uma greve, nunca vai assumir a agitação, incentivar o surgimento de uma luta, como também em Betim nunca aconteceu.

Então essa é a crítica principal: ter se transformado num movimento de cúpula, tiver caído numa ilusão de que tinha força nas fábricas a partir dos momentos onde se levantava a poeira, como nos momentos da assembléia, mas o que se precisava mais não se tinha que era o trabalho organizado interno nas fábricas. Em Betim foi diferente. A crítica que eu faço é no geral a mesma crítica que os companheiros de Betim fazem aos companheiros de Contagem. A situação em Contagem vai se modificar a partir do momento de que os companheiros fizerem uma análise honesta da realidade, analisarem a situação de cada fábrica. Abandonarem essa prática cupulista que ocorre dentro de Contagem.

P – O QUE LEVOU A SE TER ESSA PRÁTICA CUPULISTA AQUI EM CONTAGEM DIFERENTE DE BETIM? O QUE DIFERENCIA OS COMPANHEIROS SERIA SOMENTE A QUESTÃO DO MODO COMO ENFRENTAR O PELEGO NO SINDICATO, CHAMÁ-LO DE PELEGO OU NÃO?

R – Primeiro não se fazer a análise da realidade de Contagem e influiu também uma série de divisionismos, posições políticas, que impediam esses companheiros de terem uma prática comum no sindicato. Dentro do sindicato é incabível a luta pela predominância de posições políticas de A ou B. Dentro do sindicato a prática imediata é uma só: a briga para fazer prevalecer posições políticas se daria num outro campo. As diversas posições políticas diferem no plano estratégico, num plano imediato acho que não há necessidade de se criar um fracionismo dentro dessa prática. E isso é que é um obstáculo ao avanço do trabalho. Acho que foi a nossa unidade dentro de reuniões, das assembléias na fábrica que permitiram que a nossa prática avançasse.

P – QUANDO DA ÉPOCA DA REPOSIÇÃO DEFENDÍAMOS A POSIÇÃO DE SE CRITICAR O SINDICATO, MOSTRANDO AS DIFERENÇAS ENTRE A PROPOSTA ENCAMINHADA PELOS COMPANHEIROS DE SÃO BERNARDO E O ENCAMINHAMENTO DADO PELO SINDICATO DE SÃO PAULO, MOSTRANDO AS CONSEQUENCIAS ENTRE ENCAMINHAR PELA NEGOCIAÇÃO DIRETA OU ENCAMINHA PELA JUSTIÇA. DA MESMA FORMA QUE HOJE AO SE POSICIONAR PERANTE AS ELEIÇÕES: OU LEVAMOS UMA CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA OU TEMOS QUE LEVAR UMA POSIÇÃO DE APOIO A CANDIDATOS, DISTRIBUINDO BOLETINS DE CAMPANHA. ISSO MOSTRA QUE AS POSIÇÕES GERAIS INTERFEREM NAS DEFINIÇÕES PRÁTICAS OU NÃO?

R – Essa discussão ocorreu nas cúpulas e aí que entra o erro. Essa discussão tem que ser levada para o movimento. Ou não consegue aproximar das massas ou cria um divisionismo que tira todas as possibilidades de se conseguir uma unidade no momento da assembléia. Acho muito justo que se discuta isso. Os erros de Contagem partem de longe, há algum tempo atrás não se via nenhum trabalho de aliança com o sindicato, se colocando assim o caráter pelego dele, o caráter repressivo do sindicato, mas ao mesmo tempo se esquecia de que a massa, os trabalhadores tinham o sindicato como referencia para os seus problemas,

mesmo que esse sindicato fosse pelego ou não. A massa não tinha consciência de que esse sindicato era pelego ou não. Como isso vai ser assimilado por ela? Pelo processo de luta, pelo próprio questionamento prático do sindicato. Isso contribuiu para valer para o atraso da prática aqui. Em Betim sabíamos que o sindicato era pelego, mas os companheiros só iriam entender isso no processo de luta, como compreendem hoje, logo após a greve vários companheiros estavam falando em incendiar o sindicato, em depredar o sindicato, outros falavam em fazer um abaixo assinado para tirar a diretoria, na verdade quando eles falam em incendiar ou depredar o sindicato, eles não estão falando em destruir a casa onde eles se reúnem, eles estão falando em destruir a diretoria, estão negando a diretoria, eles estão contra a diretoria. Se se fosse colocar essas questões num momento na assembléia e se fosse brigar pelo modo como cada um quer combater o sindicato isso dificultava e atrasava a compreensão dos companheiros do que fosse um sindicato pelego.

P – MAS O PROBLEMA NÃO É O ELEMENTO E SIM A ESTRUTURA. É CLARO QUE HÁ DIFERENÇAS ENTRE LULA E UM REACIONÁRIO COMO JOÃO OU O JOAQUIM ANDRADE. O PROBLEMA É QUE A ESTRUTURA ATUAL NÃO PERMITE QUE SE ORGANIZE DENTRO DA FÁBRICA.

R – Aí se coloca outra questão. A estrutura sindical atrelada só será quebrada num estágio mais elevado da luta, o que é que deu ao sindicato essa atual estrutura? É o próprio estado policial, o próprio estado capitalista. Quando se luta contra a estrutura se luta contra o estado, pois essa estrutura está atrelada ao estado capitalista. É uma luta política.

O pelego, a figura do pelego é sustentada por essa estrutura, ele faz um trabalho de conciliação com essa estrutura. A luta hoje se coloca contra o pelego mas que é o embrião da luta contra a estrutura sindical.

Vamos supor que a OS de Contagem ganhasse as eleições. O que aconteceria, não se teria mais o João lá dentro, um pelego, não teríamos um pelego no sindicato, mas acontece que o sindicato ainda seria atrelado ao estado, a estrutura sindical se conservou. Então é outro estágio de luta dentro do sindicato.

P – MAS NÃO É NECESSÁRIO DENUNCIAR-LA?

R – Mas aí é uma questão de protesto. Você pode atrasar a consciência da massa ou você pode distanciar da massa também. Se em Betim a gente falasse em estrutura sindical, sem antes ter mostrado e falado como o pelego é representado dentro desta estrutura. Quando você ataca o pelego já está ferindo a estrutura sindical. Para entender a questão da estrutura sindical o cara já teria que ter uma visão política maior. Com o grupo mais reduzido, com nível mais elevado, essas questões eram discutidas. Mas para a massa o que fazíamos era uma denúncia da prática sindicalista que os atuais diretores levavam e com isso nós tínhamos certeza de que nós estávamos criando todas as condições para um ataque a toda estrutura sindical. A atual estrutura só será rebentada quando existir um movimento de massa que garanta isso. Um movimento de massa que não esteja ferindo não só a estrutura sindical atrelada ao Estado mas a estrutura do próprio Estado. A estrutura do sindicato, a estrutura do parlamento tudo se dá dentro de uma estrutura geral que alicerça o sistema capitalista.

P – O CAPITALISMO NÃO SUPORTA UMA ESTRUTURA DE SINDICATO LIVRE?

R – Pode haver sindicatos livres e o capitalismo sobreviver. O que alicerça o capitalismo não é só uma estrutura sindical, outras organizações de massa hoje extintas como o caso da CGT, a extinção delas também alicerça o capitalismo. A extinção de organismos de outras classes como os estudantes também alicerçam o capitalismo. O próprio parlamento burguês

também alicerça o capitalismo.

P – SERIA PRECISO COLOCAR A LUTA NÃO SÓ CONTRA A ESTRUTURA SINDICAL MAS COLOCÁ-LA EM TERMOS DE PODER. A CLASSE PODERIA INCLUSIVE ESTAR ORGANIZADA EM PARTIDOS SOCIALISTA OU COMUNISTA E ESTAR DISTANTE DO PODER. QUANDO VOCÊ NÃO IDENTIFICA A LUTA PELO PODER E RESTRINGE A SUA PROPAGANDA À LUTA CONTRA O PELEGO E A ESTRUTURA SINDICAL VOCÊ ESTÁ CONTRIBUINDO PARA ATRASAR O NÍVEL POLÍTICO DAS MASSAS.

R – O que tem de estar claro hoje, no nosso pensamento existe “o poder para os trabalhadores”, a revolução dos trabalhadores, mas há a luta de cada dia que é a luta que vai caminhar para a revolução. Quando fala em luta por um sindicato livre, a luta contra a estrutura sindical, a luta por uma CGT, são lutas que estão dentro deste período revolucionário. Não estou dizendo que a partir do momento que se consiga desatrelar o sindicato talvez, é possível ter esse sindicato livre dentro do capitalismo, é um conjunto de coisas que vai auxiliar as forças revolucionárias para a tomada do poder.

Se falarmos das questões mais avançadas hoje é ignorar o nível das massas e quando se ignora há um desprezo pelas massas e são elas que vão sustentar essa luta. Tem o momento certo para falar isso, tem o momento em que você vai falar e tem a certeza de que isso vai penetrar na consciência da massa e vai fazer acelerar o trabalho.

Eu sei que um partido de caráter socialista interessa para as massas, mas se vou falar disso hoje vou criar certo distanciamento, eles não vão compreender pelo seu nível político, pois o seu nível de consciência não permite compreender isso, mas eu posso falar um monte de coisas semelhantes a isso que nos aproxima mais deles e que vai criar condições para um futuro próximo nós colocarmos a questão de um partido socialista, a questão do poder.

P – QUE COISAS SEMELHANTES?

R – Quando você falou em luta pelo sindicato livre, pela liberdade sindical, quando se luta por isso, quando se luta pelas comissões de fábrica, pela organização interna de cada fábrica são coisas semelhantes pro nível de consciência que existe na classe você estaria levando política para elas. Então há diversas maneiras de se levar política para a classe. Você pode denunciar os partidos que existem, você pode falar em governo popular, mas colocar a questão do poder para hoje é não entender e nem assumir - fica ao nível da propaganda. Hoje você tem que levar para a massa o que elas entendem e assumem. A luta por sindicatos combativos ela entende e assume. Com isso você está criando as condições para que ela no futuro, pode ser amanhã ou daqui a cinco anos, ela assuma as tarefas de construção de seu partido. Apesar de que a propaganda desse partido deve ser feita hoje, mas hoje a massa não assume a tarefa de construção de seu partido. Isso vai se dar quando o seu nível de consciência permita e haja disposição e condições para isso.

AVALIAÇÃO DA GREVE

O primeiro ponto positivo e principal foi uma greve geral da categoria de Betim e dentro desse primeiro ponto está outro que inclusive deu condições para a greve foi a preparação coordenada que houve. Antes de haver a greve nós tínhamos certeza que ia haver greve. A perspectiva das comissões de fábrica, mesmo sem estabilidade. A idéia da comissão existiu, isso principalmente na FIAT e FMB e com menor intensidade na KRUPP. Com a greve os laços que se criaram entre as três principais fábricas de Betim. Dentro da preparação coordenada que existiu outro ponto foi as assembléias que existiram, convocadas com boletins nossos que compareceram 2.000 pessoas. Isso mostrou a nossa penetração no sindicato que ajudou a nossa penetração maior nas fábricas, isso deu mais força ainda a penetração. O fruto maior de nosso trabalho se mostrou na assembléia de segunda-feira, no primeiro dia de greve, 4.000 pessoas (uma das maiores assembléias de MG). Mais um

saldo positivo. Na 5ª feira, a categoria rejeita a proposta dos patrões por maioria em votação, mesmo com a coação que o sindicato fazia, com a repressão em cima a classe recusou a proposta dos patrões.

Essa resistência se deu porque havia um nível de consciência que permitiu que os operários vissem a falsidade que existia na proposta dos patrões. Os boletins que nós lançamos. Outro aspecto foi o espírito de sacrifício de vários companheiros. O papel de liderança da ferramentaria da FMB, o que ela dizia era seguido. A coragem no enfrentamento da repressão. A coragem de desafiar os patrões e a lei foi outro ponto positivo. O surgimento de novas lideranças. Outra coisa há se destacar é o nível de consciência novo que se formou, os operários que estão dentro da fábrica já não são os mesmos de duas semanas atrás. Isso foi a greve que criou. Mudança no nível de consciência. As condições para se avançar nas fábricas e se organizar são muito maiores. Alteração da qualidade na consciência dos operários que participaram da greve.

ASPECTOS NEGATIVOS

1. Falta de organização em cada secção (impossível pelo tamanho da fábrica);
2. Falta de controle sobre o trabalho. Na FIAT, policiais participaram de reuniões;
3. Falta de maior coordenação com a KRUPP, ligação maior só FIAT e FMB;
4. Ter começado a greve antes do pagamento;
5. A comissão teve pouca ligação com as fábricas. Não conseguiu controlar o movimento e sua intervenção. A volta ao trabalho se deu porque não houve intervenção da comissão, só se via boletins dos patrões, nada do sindicato, federação ou comissão.
6. Em certos momentos a comissão ficou a reboque da federação que propunha a volta ao trabalho;
7. Falta de boletins para a massa.
